

A trágica opção recessiva

Tarcísio Holanda

O Brasil mergulhou de cabeça em um dos períodos recessivos mais negros de sua história, por ação deliberada do Governo, a pretexto de conter os altos índices inflacionários. A política econômica reduziu drasticamente o nível da atividade econômica, gerou a estagnação, o desemprego, a desesperança no homem comum e não conseguiu vencer a batalha que trava contra o tigre da inflação.

Em palestra que proferiu no Itamarati, há cerca de seis meses, o secretário de Assuntos Econômicos, Antônio Kandir, sustentou a necessidade desse brutal tranco na economia, prevendo índice negativo de 4,5 por cento em 1990 (acertou na mosca), novo perfil negativo de dois por cento em 1991, crescimento zero em 1992 e moderado crescimento em 1993/94, coisa de dois e três por cento.

Alguns amigos do Presidente da República procuraram adverti-lo de que a opção por uma política recessiva representa um golpe de morte em suas aspirações de consolidar liderança nacional importante. Tal alternativa condenaria Fernando Collor a um exílio voluntário na política alagoana. A consciência da gravidade dessa orientação fez surgir têu a e s i n a l d e m u d a n ç a .

O presidente do Banco Central, Ibrahim Eris, admitiu, recentemente, crescimento de quatro por cento do Produto Interno Bruto. O Projeto de Reconstrução Nacional, cuja formulação foi coordenada pelo professor Antônio Kandir, fala em crescer 5,8 por cento este ano. Mas, na prática, não existem indicadores concretos de que o Brasil voltará a trilhar os caminhos do desenvolvimento, persistindo alguns fatores que asfixiam sua economia, difundindo o pessimismo por toda a sociedade.

Até agora, o crescimento é mais retórico de que real. É como a história daquele russo sobre a *perestroika*, o qual precisa urgentemente de um médico de ouvido e olhos, porque "ouve uma coisa e vê outra coisa". A poupança financeira, que no início da década de 70 equivalia a 22 por cento do Produto Interno Bruto, regrediu ao nível de 1967 quando tínhamos uma economia muito menos expressiva, ou seja, 12 por cento do PIB, ou o correspondente a 35 bilhões de dólares.

Tomando por exemplo a Coréia do Sul, um dos Tigres Asiáticos: entre 1980 e 1987, a poupança financeira bruta da Coréia aumentou de 48,6 para 94 por cento do PIB. No Brasil, o índice atual é insuficiente para financiar o sistema produtivo. Pudera! Aqui o poupadão é frequentemente surpreendido por mudanças nas regras do jogo, muitas vezes contrárias aos seus interesses. Chegamos à expropriação (temporária?) de bens financeiros, o que representou um abalo irreversível no sistema.

Enquanto isso, o Governo se defronta com obstáculos, até agora insuperáveis, para equacionar dois problemas cruciais à sua frente: as dívidas interna e externa. Em relação a esta última, uma missão brasileira está há três meses em Nova Iorque tentando negociar um acordo com os credores, que têm resistido a diversos pontos de nossa proposta.

O Brasil está andando para trás, enquanto se acumulam os problemas gerados por sua iníqua estrutura social. Epidemias típicas da Idade Média voltam a ameaçar nossas fronteiras, como a cólera. Parece óbvio que um país com o contencioso social que tem o Brasil não pode pensar duas vezes antes de fazer clara opção por uma política de crescimento.